

Caminho Português do Litoral

(Via Valença e Variante Espiritual)

De Viana do Castelo à Santiago (218 kms)

*Roteiro, Trilhas, Vilas, Belezas, Prazeres,
Monumentos Históricos, Desafios...*

**Em Ação de Graças, comemorando
meus 84 anos...**

1^a. Parte : Portugal

Márcio Dayrell Batitucci

Introdução

Progressão com o mouse

Ligue o Som

Caminho Português do Litoral

(218 kms)

(Via Valença e Variante Espiritual)

(A partir de Viana do Castelo)



Etapas



Introdução

- 1ª. Etapa : Viana do Castelo a Praia d'Âncora : 20 kms
- 2ª. Etapa : Praia d'Âncora a Caminha : 10 kms
- 3ª. Etapa : Caminha a Vila Nova de Cerveira : 16 kms
- 4ª. Etapa : Vila Nova de Cerveira a Valença : 15 kms
- 5ª. Etapa : Valença a O Porriño : 20 kms
- 6ª. Etapa : O Porriño a Redondela : 14 kms
- 7ª. Etapa : Redondela a Pontevedra : 20 kms
- 8ª. Etapa : Pontevedra a Cambarro : 14 kms
- 9ª. Etapa : Cambarro a Ribadúmia : 18 kms
- 10ª. Etapa : Ribadúmia a Vila Nova de Arousa : 18 kms
- 11ª. Etapa : Vila Nova de Arousa a Picaraña : 36 kms
- 24 kms pelo mar até Pontecesures
- 12 kms por terra até Picaraña
- 12ª. Etapa : Picaraña a Santiago de Compostela : 17 kms

Obs : A quilometragem nas fotos é registrada de modo cumulativo, a partir do marco ZERO e, também, com as respectivas distâncias em cada nova etapa.

218 kms

Introdução

O “**Caminho Português do Litoral**”, que parte do Porto, ganhou relevância durante a Idade Moderna e, sobretudo, a partir do século XVIII, sendo utilizado pelas populações costeiras e pelos que desembarcavam nos portos marítimos. Nesse período foi um dos eixos mais importantes para alcançar Santiago de Compostela. É muito utilizado por brasileiros que desejam peregrinar à Santiago, por uma rota mais curta, em relação ao tradicional “**Caminho Francês**”.

Esse “Caminho” é muito bem sinalizado, em todo o seu percurso e, em princípio, é mais agradável e um pouco mais plano, em relação aos demais 3 Caminhos que já percorri, o “**Caminho Francês**” (800 kms. / 2 vezes) e o “**Caminho Português do Interior**” (400 kms.). Contudo, dependendo da época do ano, há que se atentar para o sol forte / altas temperaturas e severos ventos que o acometem. É importante se proteger do sol forte e se hidratar bem. Passa por povoados e vilas da costa de Portugal, mostrando um retrato específico dessa região do País. E como todo Caminho, percorre trechos de asfalto, de terra, trilhas bucólicas sob árvores e ao lado de riachos...Mas, apesar do nome, somente em dois trechos, acompanha o mar e a praia...

Percorri este “**Caminho Português do Litoral**”, à pé, em setembro de 2022, em prazerosa companhia do amigo lisboeta Aurélio Simões e de sua esposa Rita.

Optamos por iniciar esse Caminho um pouco mais ao Norte, em Viana do Castelo, indo em direção à Valença do Minho (**Caminho Português Central**) e, a partir de Pontevedra, seguimos a chamada “**Variante Espiritual**”, que tem um trecho marítimo por onde, segundo a tradição, chegaram à Espanha os restos mortais do apóstolo S. Tiago. São ao todo 12 Etapas, em 218 kms., que compartilho com você, com informações, histórias, roteiros, detalhes e fotos.

Todo “Caminho” tem seus encantos, suas alegrias, suas recompensas, suas compensações, suas descobertas e seus prazeres, mas não é um passeio, um programa turístico, ou uma competição : tem também seus desafios, suas dúvidas, suas incertezas, suas canseiras e seus imprevistos... E não deve ser uma jornada de sofrimento e de autoflagelação! Assim, ouça seu corpo e seus sinais e não se culpe ou se envergonhe por pedir ajuda, quando estiver chegando a seus eventuais limites...

Quanto mais você planejar os vários detalhes de seu Caminho, mais agradável e seguro ele será...

Orientações Básicas para quem deseja percorrer esse Caminho

- 1 - Comece sua “preparação” com, no mínimo, 3 meses de antecedência, andando pelo menos uma hora por dia e uns 10 kms, uma vez por semana, com o calçado que você vai utilizar em sua caminhada...
- 2 - Seja parcimonioso e criativo na montagem dos itens de sua mochila de viagem, que **não deveria exceder a 5 kgs.**
 - Não se esqueça do “Cajado / Bengala do Peregrino”, a “terceira perna”, extremamente útil em terrenos irregulares, nas subidas e descidas e na proteção contra cães do Caminho...
 - A roupa utilizada a cada dia, deve ser lavada a cada dia, no fim da jornada. Quando já não servir, deve ser descartada e, se for o caso, se adquirem novas...
- 3 - Preferencialmente, programe seu “Caminho” para os meses de maio / junho ou setembro / outubro, meses de temperaturas mais amenas e de poucas chuvas.
- 4 - Chegando à Lisboa, vá à Estação Sete Rios, de onde saem os autocarros. (4:43 hs.). para Viana do Castelo. No aeroporto, não deixe de adquirir seu “chip” (português / espanhol) para que você tenha acesso ilimitado à Internet ou ao telefone, em qualquer lugar que estiver.
- 5 - Consiga, com antecedência, a “Credencial do Caminho” que você deve carimbar em cada etapa.
- 6 - Evite iniciar o “Caminho” em um domingo, pois quase tudo estará fechado... Provisione no dia anterior, seu desjejum da manhã, pois, em princípio, bares ou cafés estarão fechados nas primeiras horas.
- 7 - Tenha sempre à mão os telefones das Juntas, dos Bombeiros, de Tavira, das Vilas e Povoados, em cada etapa, para sua utilização, em caso de necessidade ou de emergência.
- 8 - A sinalização oficial do Caminho são as setas amarelas ou o símbolo  Não siga setas de outras cores.
- 9 - Caminhos: **ir sozinho, ou acompanhado** ? Ambas as opções têm suas vantagens e desvantagens...Mas, se sua companhia for bem escolhida e se houver sintonia recíproca, a segunda opção é melhor.

Prazeres do Caminho Português do Litoral

Além das belezas naturais de algumas das trilhas percorridas, poder-se-ia também aludir aos eventuais prazeres da Gastronomia da Região, muito assentada na carne de pequenos animais de caça, de peixes, de especiarias do mar, no azeite, no pão e na batata!

Mas deve-se observar a limitação de opções de pratos existentes nos restaurantes e bares comuns, que o peregrino busca, quando chega cansado e desgastado ao final de cada Etapa. São três, quatro opções, passando por uma repetitiva salada de alface e tomate, pelo peixe, pelo bacalhau, pela carne de porco e de boi, sempre acompanhados pela batata, a eterna batata que parece ser a única opção conhecida pelos cozinheiros do Caminho... Sem criatividade, sem tempero, sem sal... Principalmente nos trechos espanhóis do Caminho...

*Esqueça as mais de 50 opções que temos aqui, em nossas **“Comidas à quilo”**, ou em nossos **“sacolões de verduras, legumes e frutas”**. Ah! Que saudade, você, peregrino, sentirá do sabor e da variedade de nossa farta, diversificada e saborosa gastronomia...*

*Mas, para que você não se frustre, **se tiver disposição, tempo e dinheiro**, busque com calma restaurantes melhores e mais estruturados onde, provavelmente, você poderá encontrar uma culinária mais diversificada e prazerosa...*

Em cada uma das 12 Etapas, disponibilizarei para você, exemplos da culinária mais elaborada, típica dessas regiões que, eventualmente, você poderá saborear nas condições do item anterior...

*Já quanto aos vinhos, tanto em Portugal como na Espanha, você não irá se decepcionar : as opções são variadas e positivas... Especialmente se você optar pelo chamado **“Vinho Verde”**, fruto de videiras cultivadas nessas regiões, em estrados e estruturas elevadas...*

Caminhos : O Caminhar...

O objetivo dos Caminhos, não é o “chegar”! É o “**estar indo**”, é o “**caminhar**” ...

É o apreciar a natureza e as trilhas por onde você passa, admirar os monumentos, igrejas, capelas, oratórios, com suas histórias e significados... É descansar os pés no riacho que passa a seu lado...

É, eventualmente, trocar palavras e relações com as pessoas que você encontra, com os peregrinos que cruzam com você...

Antes de acessar o resumo que lhe enviarei das 12 Etapas deste Caminho, veja o que vem a ser, efetivamente “**O Caminhar**”, assistindo as reflexões abaixo do nosso grande amigo , Frei Claudio Van Balen, recém falecido...

Frei Cláudio, um frade franciscano holandês, que veio muito novo para o Brasil, filósofo, psicólogo e pensador, dedicou sua vida à evangelização e à assistência aos menos favorecidos, na Paróquia do Carmo, em Belo Horizonte, com uma obra social exemplar... Crítico contumaz da “**divinização**” das Instituições e representantes terrenos de Deus, teve dificuldades no relacionamento com a hierarquia católica tradicional...

Não deixe de ver suas reflexões sobre o “**Caminhar**”.

A - Clique no link abaixo.

<https://youtu.be/zD9MR5n7yPQ>

B - Em seguida, clique no retângulo azul “**NAVEGAR PELO YOUTUBE**”



1ª. Etapa : Viana do Castelo à Vila Praia d'Âncora : 20 kms.

Viana do Castelo é uma cidade portuguesa com cerca de 26 000 habitantes. A povoação de Viana recebeu Carta de Foral de Afonso III de Portugal em 18 de julho de 1258, tendo passado a chamar-se Viana da Foz do Lima. Devido à prosperidade desde então adquirida, Viana tornou-se num importante entreposto comercial, vindo a ser edificada uma torre defensiva (a Torre da Roqueta) com a função de repelir piratas oriundos da Galiza e do Norte de África, os quais procuravam por este porto. O próspero comércio marítimo com o norte da Europa envolvia a exportação de vinhos, fruta e sal, e a importação de talheres, tecidos, tapeçarias e vidro. O espírito comercial de Viana alcançou tais proporções que a rainha Maria II de Portugal concedera alvará à extinta Associação Comercial de Viana do Castelo em 1852. A mesma soberana — para recompensar a lealdade da população de Viana, que não se rendera às forças do conde das Antas (1847) — decidira elevar a vila à categoria de cidade com o nome de Viana do Castelo (20 de janeiro de 1848). No século XX, tornou-se num dos principais portos portugueses da pesca do bacalhau. Na cidade – que cresceu ao longo do rio Lima – podem ser observados os estilos renascentista, manuelino, barroco e Art Déco. Na malha urbana destaca-se o centro histórico, que forma um círculo delimitado pelos vestígios das antigas muralhas. Aqui cruzam-se becos com artérias maiores viradas para o rio Lima, e destacam-se a antiga Igreja Matriz (catedral desde 1977), que remonta ao século XV, a Capela da Misericórdia (século XVI), a Capela das Almas, e o edifício da antiga Câmara Municipal, na Praça da República (antiga Praça da Rainha), com uma fonte em granito – com uma bacia de casal e tanque – construída por Inês Lopes, a Velha e terminada pelo seu filho João Lopes, Filho em 1559. Fora do centro da cidade – em posição dominante no alto do Monte de Santa Luzia – destaca-se o imponente Santuário Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, cuja construção fora iniciada em 1903 e inspirada na Basílica de Sacré Cœur em Paris, de onde se descortina uma ampla vista sobre a cidade, o estuário do rio Lima e o mar.

Concelho : (351) 258 809 300 - Bombeiros : (351) 258 800 840

Hospedagem : - **Apto. Rua de Viana 64 - (351) 967 634 530 (dois cômodos)**
- **Albergue S. João da Cruz (Igreja do Carmo) (351) 258 822 264**
- **Avenida Central Viana Hostel (351) 927 811 099**
- **Hospedaria N. Sra. do Carmo (351) 258 825 118**

Equipamentos culturais : Praça da República / Carmelo de Santa Teresinha / Convento de São Francisco do Monte / Santuário do Sagrado Coração de Jesus – Monte de Santa Luzia / Teatro Municipal Sá de Miranda / Castelo de Portuzelo /

Km 6 Areosa
Km 8 Boa Viagem
Km 9,5 Carreço
Km 11 Faço
Km 13 Armada
Km 14 Loureiro

Vista Geral de Viana do Castelo



Praça da República com seu belo Chafariz



O **Teatro Sá de Miranda** foi inaugurado no dia 29 de Abril de 1885. Sua construção deveu-se ao esforço de um grupo de personalidades vianenses que constituiu, em 1879, a Companhia Fomentadora Vianense com o objetivo de construir um edifício civilizador. É um Teatro à italiana projetado por José Geraldo da Silva Sardinha com a plateia em forma de ferradura e três ordens de camarotes, com capacidade de 400 lugares. O Pano de Boca foi desenhado por Luigi Manini e pintado por Hercole Labertini, cenógrafos do Teatro S. Carlos e o teto, uma imagem do céu em trompe l'oeil, com retratos de dramaturgos, foi pintado por João Baptista do Rio. A Câmara Municipal adquiriu o edifício em 1985, numa altura em que a sua degradação se acentuava. Desde então tem promovido obras de beneficiação, primeiro, em 1993, dando segurança e comodidade ao público e, numa segunda fase, em 2019, dotando a caixa de palco dos mais modernos equipamentos cénicos, que permitem pôr em cena os mais exigentes espetáculos. Atualmente, o Teatro Municipal Sá de Miranda, verdadeiro ex-líbris da cultura vianense e alto-minhota, acolhe inúmeras atividades culturais, sendo casa mãe de uma companhia de teatro residente. Dança, ópera, música clássica e contemporânea, teatro, workshops e conferências são algumas das ações que têm permitido ao Teatro Municipal assumir-se como um dos principais espaços culturais da cidade e da região.



“Dançarinos” de Viana do Castelo



A **Sé Catedral de Viana do Castelo**, também designada por Igreja de Santa Maria Maior é uma igreja fortaleza católica construída no século XV que preserva o carácter românico, estando localizada no centro da cidade. Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1953. Sua fachada é ladeada por duas grandes torres encimadas por ameias, destacando-se o seu belo portal gótico com arquivoltas com cenas esculpidas da Paixão de Cristo e esculturas dos Apóstolos. Planta em cruz latina composta por três naves escalonadas com quatro arcos, tendo capelas laterais de diferentes dimensões, transepto de braços bastante prolongados e cabeceira constituída por capela-mor retangular. No interior, encontram-se as capelas de São Bernardo (de Fernão Brandão) e a capela do Santíssimo Sacramento, atribuída ao pedreiro João Lopes, o Velho.





O **Carmelo de Santa Teresinha** ou, simplesmente, **Carmelo de Viana do Castelo**, é um convento de clausura monástica de Monjas Descalças da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Esse convento foi consagrado a Santa Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face.

O **Convento de São Francisco do Monte** está localizado na freguesia de Santa Maria Maior, no concelho e distrito de Viana do Castelo. Foi um dos três primeiros conventos da Ordem dos Frades Menores a ser erguido no país, datando do final do século XIV. Sofreu várias ampliações no decorrer da sua existência, vindo eventualmente a tornar-se um oratório, quando os seus frades foram transferidos para o Convento de Santo António dos Capuchos. Contudo, acabou por ser abandonado, talvez por causa da sua localização de acesso difícil, tendo sido reedificado a partir de 1751. Com a extinção das ordens religiosas no país (1834) e a conseqüente alienação dos seus bens pelo estado liberal, o convento foi comprado em hasta pública pelo visconde de Carreira. No século XX, o convento entrou em estado de degradação e, em 1987, o último proprietário doou-o à Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, que o vendeu, em 2001 ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Atualmente encontra-se em ruínas.



O **Castelo de Portuzelo** localiza-se na freguesia de Santa Marta de Portuzelo, concelho e distrito de Viana do Castelo. É um palácio de estilo romântico, de feição acastelada, de planta quadrangular e alçados de dois registos encimados por uma torre central, conjugando elementos neo-góticos e neo-manuelinos. Pertencia à família da nobreza dos Pereira da Cunha, senhores da Casa Grande, de Paredes de Coura, cujo principal personagem foi o poeta António Pereira da Cunha e Castro Lobo, autor do desenho da transformação desta sua residência que, segundo várias fontes, serviu como um meio de contato, assimilação e transferência de novos referentes culturais (à época), podendo assim relacionar com elementos e formas arquitetónicas análogas existentes em outros contextos, identificando possíveis modelos que interferiram na concretização do projeto de arquitetura ao nível da conformação imagética¹. A construção desse palácio fortificado, datada de 1853, onde terá existido uma casa torre do século XIII, deveu-se ao referido poeta e miguelista que, regressado de uma viagem à Baviera, na Alemanha, com o propósito de assistir ao batizado do filho primogénito de D. Miguel I, desejou construir para si um castelo que lhe lembrasse essa sua experiência, e que se coadunasse ao emergente espírito romântico. Com seu entusiasmo, o próprio teria desenhado a planta



Antigo Hospital da Misericórdia, atual Câmara Municipal



Estação Ferroviária



Rua típica de Viana do Castelo



Prazeres do Caminho

(Veja a observação na “Introdução”)

Bacalhau com queijo, à Zé do Pipo.

Bacalhau, leite, azeite, cebolas, purê de batatas, maionese, queijo parmesão, pão ralado, azeitonas pretas, coentro, gema de ovo.



Km 2,0 / Km Ac 2,00 : 1ª. Etapa - Viana do Castelo à Vila Praia d'Âncora - 20 kms

Etapa de dificuldade média, considerando os últimos 7 kms. à partir de AFIFE, pela severa subida. Trilhas quase sempre com piso em calçadas de pedras.

Trecho



Km 5,0 / Km Ac 5,00 : Passando por Areosa



Km 7,0 / Km Ac 7,00 : Passando por Carreço - Igreja de N. Sra das Graças



Km 7,5 / Km Ac 7,50 : Bar para descanso e recuperação das forças



Km 9,0 / Km Ac 9,00 : Albergue "Casa do Perdão" - Construção do ano de 1.560



Km 11,0 / Km Ac 11,00 : Trechos



Km 14,0 / Km Ac 14,00 : Passando por AFIFE

Afife é uma freguesia limítrofe do Concelho de Viana do Castelo, situada no litoral Norte de Portugal, com cerca de 1.500 habitantes. Afife detém um admirável cenário de paisagens. A praia é de areia branca e fina e prolonga-se por toda a extensão da costa de mar (cerca de 4 quilómetros), intercalada em certas zonas por penedos. Na freguesia de Afife nasce um rio com o mesmo nome, que tem três afluentes: os ribeiros da Pedreira, de Agrichousa e do Fojo.



**Km 14,0 / Km Ac 14,00 :
Passando por AFIFE**

Igreja Paroquial de Afife



O Convento ou Mosteiro de São João de Cabanas, localiza-se na freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo. Era masculino, e pertencia à Ordem de São Bento.

Km 16,0 / Km Ac 16,00 : A partir de Afife, a trilha passa por uma severa subida, até Praia `Âncora



Km 20,0 / Km Ac 20,00 - Fim da 1ª. Etapa



2ª. Etapa : Vila Praia d`Âncora à Caminha : 10 kms.

Vila Praia de Âncora é uma freguesia portuguesa do município de Caminha, com cerca de 4 820 habitantes .-Foi elevada à categoria de vila a 5 de Julho de 1924, alterada então a sua designação oficial de **Santa Marinha de Gontinhães** para Vila Praia de Âncora. Em 1922 a localidade e o rio eram conhecidos por **Amora**. É a vila e freguesia mais populosa do município de Caminha. Situada no fim de um vale protegido a norte pela Serra D'Arga e a sul pelo Monte de Santa Luzia. Vila Praia de Âncora é uma vila piscatória carregada de tradições. O rio Âncora faz a divisão da praia, galardoada com Bandeira Azul: a parte norte, onde se forma uma pequena piscina, propícia para as brincadeiras das crianças, é delimitada por um pontão, próximo do Forte do Lagarteiro e de um pequeno porto de pesca; a parte sul, à qual se acede através de uma ponte reservada a peões, é moldada por um cordão dunar, protegido por longos passadiços de madeira.

Concelho : 251 258 911 546 / Bombeiros : 351 258 911 125

Patrimônio cultural : Anta da Barrosa ou Lapa dos Mouros / Forte do Cão (Gelfa) / Forte da Lagarteira / Igreja Matriz de Vila Praia de Âncora / Mamoia de Aspra ou Cova da Moura / Monte do Calvário

Há dificuldade de Hospedagem em Praia d`Âncora. . A opção é voltar de comboio e hospedar-se em Viana do Castelo e, no dia seguinte, retornar de comboio à Praia d`Âncora, para reiniciar a caminhada.

Vila Praia d'Âncora - Vista Geral



Igreja Matriz



Estação Ferroviária



O **Forte do Cão** localiza-se ao sul da povoação e freguesia de Vila Praia de Âncora, Com o fim da Guerra da Restauração (1640-1668), foi um dos quatro fortins edificadas no litoral entre Caminha e Viana do Castelo com o objetivo de reforçar a defesa da costa atlântica do Alto Minho, vulnerável a um possível ataque da Armada espanhola. Os demais foram o Forte de Vinha, na Areosa, o Forte de Montedor em Carreço, e o Forte da Lagarteira em Vila Praia de Âncora. Estes somavam-se ao Forte da Ínsua, construído durante aquele conflito para defesa da barra sul do rio Minho. Nessa linha, à época, foram remodeladas fortificações já existentes como o Castelo de Valença, o Castelo de Vila Nova de Cerveira e o Forte de Santiago da Barra. Para complemento da defesa da margem esquerda (sul) do rio Minho foi erguido o Forte de São Francisco de Lovelhe (ou de Lobelhe), em Vila Nova de Cerveira. O **Fortim do Cão** foi erguido entre 1699 e 1702, com a função de defesa daquele trecho da costa, na foz do rio Âncora, coadjuvando a defesa proporcionada pela Praça-forte de Caminha. Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público Características É uma fortificação marítima abaluartada, de pequenas dimensões e alçados simples, apresenta planta estrelada no estilo maneirista, sendo constituído por quatro baluartes desiguais. A face voltada ao mar é de forma curva, sendo a face oposta é côncava. Nesta rasga-se o portão de armas, em arco de volta perfeita. Em seu interior encontram-se as dependências de serviço, formando um corredor no centro da praça. Sua tipologia estrutural apresenta semelhanças com os fortes da Areosa e de Montedor, cuja planimetria constituiu, à época, um avanço no sistema de defesa e vigia. Acredita-se que este conjunto de fortes litorâneos possa ter sido delineado pelo mesmo arquiteto.



A **Mamoá de Aspra** é uma estrutura megalítica de grandes dimensões com cerca de 20 metros de diâmetro e 3 metros de altura, muito danificada. Não tem qualquer vestígio revelador de câmara megalítica, sendo os enterramentos possivelmente efetuados em grande fossa aberta no saibro base.



A **Anta da Barrosa**, também referida como **Dólmen da Barrosa** e **Lapa dos Mouros**, localiza-se na freguesia de Vila Praia de Âncora. Trata-se de um monumento megalítico erguido no final do século XXX a.C. (período Neolítico). Encontra-se classificado como Monumento Nacional desde 1910. Apesar de ser monumento nacional, o Dólmen da Barrosa esteve localizado em terreno privado, e praticamente escondido pelos muros altos de uma quinta. Os terrenos onde o monumento de encontra estavam em litígio judicial e, em 2016, a Câmara Municipal de Caminha pagou uma indemnização de 240 mil euros.

A autarquia vai remodelar toda a área envolvente da anta com rebaixamento de muros, plantação de árvores autóctones e a remoção da antiga pista de 'skate'. O projeto de remodelação surgiu de uma candidatura ao primeiro Orçamento Participativo de Caminha. O investimento ronda os 28 mil euros. Em uma segunda fase, será construído no local um núcleo Museológico do Megalítico. A candidatura para o Núcleo Megalítico foi apresentada em 2016 ao programa 'Norte 2020', mas a ainda não foi aprovada.



Prazeres do Caminho

(Veja a observação na “Introdução”)

Robalo à moda portuguesa

Robalo, alho / sal, azeite, vinagre, azeitonas pretas, vinho branco, cebola, pimentão , salsinha



Km 0,0 - Km Ac 20,0 - 2ª. Etapa - Vila Praia d`Âncora à Caminha - 10 kms

Etapa de baixa dificuldade, em trechos planos e uniformes, passando pela praia.



Km 1,0 - Km Ac 21,0 -

Trecho pela Praia



Km 2,5 - Km Ac 22,5 - Capela de Sto. Isodoro e de S. Tiago

Construção do ano de 1.652.



Km 4,0 - Km Ac 24,0 - Trecho - “Bom Caminho”



Km 5,0 - Km Ac 25,0 - Trecho pela praia



Km 6,0 - Km Ac 26,0 - Trecho



Km 8,0 - Km Ac 28,0 - Passando por Moledo



Km 10,0 / Km Ac 30,00 - Fim da 2ª. Etapa



3ª. Etapa : Caminha à Vila Nova de Cerveira : 16 kms.

Caminha é uma vila raiana portuguesa no distrito de Viana do Castelo, com cerca de 2 500 habitantes. O município é limitado a nordeste pelo município de Vila Nova de Cerveira, a sudeste por Ponte de Lima, a sul por Viana do Castelo, a norte pela Galiza e a oeste pelo Oceano Atlântico. O ponto mais alto do município encontra-se no planalto da Serra de Arga, a aproximadamente 800 metros de altitude, próximo do ponto mais alto desta serra, o Alto do Espinheiro (825m). Por carta de 2 de janeiro de 1619, Filipe II de Portugal (Filipe III de Espanha) atribuí a Miguel Luís de Meneses (1565–1637), o título de 1.º Duque de Caminha, sem sucessores, os títulos passaram para o seu irmão Luís de Noronha e Meneses (1614–1641), 2.º Duque de caminha, decapitado no reinado d D. João IV, sem sucessão, o Título de Duque de Caminha é declarado perpétuo a 24 de dezembro de 1641 por (Felipe IV de Espanha) a favor de Maria Brites de Meneses, 3.ª Duquesa de Caminha, viúva e sobrinha de Miguel Luís de Meneses. A foz do rio Minho situa-se em Caminha, fazendo este rio parte integrante da paisagem da vila. Para atravessá-lo rumo à vizinha Galiza, existe um terminal fluvial de barcos, que transportam não só passageiros, mas também automóveis.

Concelho de Caminha : (351) 258 710 300 - Bombeiros : (351) 258 719 500

Hospedagem : - Hotel Muralha de Caminha – R. Barão de S. Roque 69 (351) 258 728 199

Alojamento Xicotina 2	Av. Santana, 566 r/c esq.	912 279 889	40€
Residencial Galo D'Ouro	R. da Corredoura 15	+351 258 921 160	40€
Hotel Muralha de Caminha	Rua Barão de S.Roque, 69	+351 258 728 199	60€
Residencial Arca Nova (Preço peregrino) - info@arcanova.pt	Largo Dr. Sidónio Pais	+351 935 390 402	35€
Albergue de Peregrinos de Caminha	Av Padre Pinheiro 36	+351 914 290 431	8€
Albergue Bom Caminha	Rua de Benemérito Joaquim Rosas, 25	963 528 441 / 966 116 762	
Albergue S. Bento	Av. de São Bento, 43	966 437 532 / 258 723 109	30€
Hotel Minho Belo	Avenida da Liberdade nº 414		65€
HI Vila Nova de Cerveira - Pousada de Juventude	Rua Alto das Veigas, EN13		49€

Patrimônio Cultural : Igreja Matriz de Caminha ou Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção / Castelo / Muralhas seiscentistas / Torre do Relógio / Chafariz do Terreiro / Igreja da Misericórdia / Museu Municipal / Ponte Românica de Vilar de Mouros / Capela românica do antigo Mosteiro de São João de Arga (Arga de Baixo) / Estuário do Rio Minho.

Km 3,5 Seixas

Km 6,8 Lanheiras

Km 8,4 Gouvim

Km 10,2 Linhares

Vista Geral de Caminha



A **Igreja Matriz de N. Sra. da Assunção** foi erguida no interior da cerca medieval da vila, sobre os vestígios de uma primitiva capela românica, da qual subsistem um pórtico (hoje obstruído) e uma cachorreira do lado norte. Seus trabalhos iniciaram-se em 1488 sob orientação dos biscainhos Tomé de Tolosa e Francisco Fial, ao quais se seguiram outros mestres de origem biscainha e galega, entre os quais se destacam os nomes de João de Tolosa e Pero Galego. Os trabalhos desenvolveram-se com lentidão, tendo sido concluídos em 1556 com a torre da fachada principal. Por essa razão, o templo apresenta uma complexa combinação de estilos e influências. Em nossos dias, após intervenção de restauro, limpeza e estabilização da estrutura, foi reaberto em 2008. Foi edificado em alvenaria de pedra de granito da região. Apresenta planta de três naves, a central mais elevada, frequente em igrejas góticas do norte do país, embora incorporando elementos manuelinos e renascentistas. As naves estão separadas por arcos de volta inteira assentes em colunas cilíndricas; acima dos arcos, na nave central, corre um valioso friso de azulejos policromados quinhentistas.



A Igreja da Misericórdia foi iniciada em 1559. Da primitiva construção apenas resta o portal principal. Em seu interior a igreja está decorada com talha, conservando num altar da parede direita a imagem de Santa Rita de Cássia, padroeira de Caminha. Em 1516 dá-se a fundação da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Caminha, por ordem de D. Manuel I. As obras para a construção do hospital e da Igreja iniciaram-se a 21 de Maio de 1551. Em 1651, a igreja já não satisfazia o gosto requintado da época, por isso levaram-se a cabo obras de reconstrução e remodelação, a cargo do provedor Rodrigo Sotto-mayor. Estas alterações eram essencialmente a nível arquitetónico, elevando-se o pé direito da igreja mais vinte palmas, abrindo-se novas janelas e alterando, também, a fachada.



Na porta lateral dirigida para este, pode-se ler a data de 1672. Mais tarde, em 1695 derruba-se um torreão da antiga muralha caminhense, aproveitando-se assim as pedras para as obras da igreja, reconhecendo que o principal objetivo era para a varanda exterior do lado poente ficar com uma vista mais livre e aberta. Estas obras [^]duraram até ao princípio do século XVIII. Depois destas obras a igreja não sofreu mais alterações significativas. Em relação aos aspectos técnicos e de descrição da igreja é de se referir que é uma igreja de planta longitudinal, com uma única nave onde a capela-mor está à mesma altura que o resto da igreja, segundo as tradições do renascimento. A porta principal revela muitas afinidades com as portas da Igreja Matriz, (c.1488-1556). Esta porta apresenta um arco de meia volta, decorado com grotescos e arabescos, as pilastras laterais sustentam a mesma decoração nos plintos e nos capitéis. Enquadrada num alfiz ao gosto mudéjar onde existem dois 'medalhões com os bustos de São Cosme e Damião de feição renascentista. Ainda na fachada principal pode-se ver acima da porta um grande janelão retangular. O remate é feito com um frontão retangular que alberga a imagem da padroeira da igreja. A torre sineira, apresenta-se ao lado, tem um vão de volta inteira, uma pequena abertura quadrada rematada com o sino enquadrado num pequeno arco de volta perfeita e com um frontão curvo que nos remete para o gosto barroco. No lado oeste existe uma pequena loggia de dois pisos constituída por arcos de volta perfeita, que dá acesso ao consórcio. Pelo lado este é de se registar a existência de duas grandes janelas barrocas e uma porta também da mesma época.



o Museu Municipal de Caminha situa-se em pleno Centro Histórico Medieval da vila e está instalado em edifício datado, provavelmente, do séc. XVII/XVIII que, até ser adaptado a Museu e Biblioteca, em 1989, serviu de Tribunal e Cadeia da Comarca de Caminha. Hoje, o edifício alberga o Museu Municipal de Caminha que expõe uma importante coleção de objetos arqueológicos que documentam a história da região desde a Pré-História à Romanização. No Museu Municipal de Caminha o visitante será conduzido por entre segredos e mistérios de tempos remotos que o farão sorrir e sonhar com a vida na antiguidade desta região, espelhada em objetos pré-históricos, nas réplicas das gravuras rupestres de Lanhelas, na reprodução da Anta da Barrosa de Vila Praia de Âncora, e nos objetos da cultura castreja, bem documentada nos achados arqueológicos do Coto da Pena e da Cidade de Âncora. Finalmente, o visitante tem um contato direto com o fascinante mundo romano através dos utensílios que utilizavam no seu quotidiano e nas suas trocas comerciais. O Museu Municipal de Caminha é uma instituição dependente da Câmara Municipal de Caminha, sem fins lucrativos, que se dedica a, em benefício do público, coleccionar, preservar, interpretar, expor e comunicar os valores patrimoniais do concelho de Caminha.

Câmara Municipal de Caminha



Torre do Relógio



Rua Típica de Caminha



Albergue de Peregrinos de Caminha



A **Ponte Românica de Vilar de Mouros** encontra-se no município de Caminha. Foi construída aproximadamente entre os séc. XIV-XV. Esse monumento é uma referência para alguns historiadores, sendo classificada desde 1910 como um dos protótipos de pontes góticas nacionais. Continua a ser a única travessia existente rodoviária e pedonal que une a freguesia de Vilar de Mouros, separada pelas margens do rio que por ela passa (Rio Coura). Tem uma estrutura reforçada e limitadores de largura, com o objetivo de impedir a passagem a veículos com peso superior a 4 toneladas. Enquadra-se num ambiente urbano, tendo algumas construções nas suas proximidades, sendo uma delas a capela de Nossa Senhora da Piedade. Essa ponte de granito, lançada sobre o rio, de tabuleiro formando um cavalete com rampas de acesso, assenta sobre três arcos quebrados, sendo o arco central o maior. Seu pavimento é calcetado com lajedo central, o que faz com que o tabuleiro desta ponte se divida em dois e crie duas faixas. Trata-se de uma arquitetura civil de equipamento, gótica. A ponte em questão segue o modelo criado para a ponte de Ponte de Lima (grande protótipo regional).



Castelo de Caminha : Antigo porto numa ponta de areia entre os rios Coura e Minho, a vila de Caminha desenvolveu-se com base na pesca e no comércio (fluvial e marítimo), a partir do século XII, quando se reduziu a pirataria no litoral, ganhando importância como baluarte defensivo da fronteira noroeste de Portugal. Assim o entendeu o rei D. Afonso III (1248-1279), no âmbito da reorganização da fronteira do Entre Douro e Minho, que ali criou uma póvoa de raiz, com traçado racional do ponto de vista militar e urbanístico. Acredita-se que a primitiva ocupação humana do seu sítio remonta à pré-história. À época da Invasão romana da Península Ibérica, foi dotada de uma fortificação, cujos alicerces datam dos séculos IV e V. Essas defesas foram ampliadas e reforçadas desde a Reconquista cristã da península, registrando-se o topónimo Caminha desde o século X, referindo-se, entretanto, ao espaço da atual freguesia de Vilarelho, a leste da atual Caminha, onde, no alto do Coto da Pena se identificam os vestígios do primitivo castelo, erguido entre os séculos X e XI.



Com o progressivo aumento da segurança na costa, concomitante com o desenvolvimento das atividades econômicas, a povoação desenvolveu-se em direção à foz do rio Minho, em zona mais baixa, mais fértil e de acesso mais dinâmico ao mar. No contexto das campanhas contra Castela, seu povoamento e defesa foram incentivados sob os reinados de D. Afonso III (1248-1279), de D. Dinis (1279-1325) e de D. João I (1385-1433), devido ao valor estratégico que essa povoação lindeira representava para o reino. Quando do encerramento da crise de 1383-1385, tendo a nobreza da região norte de Portugal tomado partido por Castela, os homens bons de Vila Nova de Cerveira, Caminha e Monção enviaram mensagens ao Condestável Nuno Álvares Pereira declarando-se verdadeiros portugueses, vindo a entregar-lhe voluntariamente essas povoações. É ao novo soberano, D. João I, que se atribui a dilatação da cerca, ficando a vila guarnecida por uma segunda cinta de muralhas. Sob o reinado de D. Manuel I (1495-1521), a povoação e seu castelo encontram-se figurados por Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, c. 1509).

Muralhas seiscentistas de Caminha. Após a Restauração da Independência, em 1640, numa época em que portugueses e espanhóis se defrontavam constantemente e o perigo das investidas de pirataria de costa era eminente, o crescimento urbano de Caminha veio colocar grandes problemas de ordem defensiva e de segurança, levando D. João IV a encomendar a construção de uma segunda linha de muralhas que rodeasse os novos bairros habitacionais. Outro fator que deve ter sido preponderante na decisão de se erigir a nova linha defensiva, prende-se diretamente à evolução das técnicas militares, fruto da passagem da neurobalística para a pirobalística e consequente aperfeiçoamento da indústria de guerra, o que tornava as muralhas verticais medievais obsoletas e exigia a construção de muralhas que suportassem os tiros dos canhões e, ao mesmo tempo, possuísem plataformas onde fosse possível colocar peças de artilharia. Essa fortaleza era defendida por fossos com água e contraescarpas. Tinha 6 portas: a de Viana (ou Porta Nova da Misericórdia) e a da Corredoura, ambas com ponte levadiça, a do Cais (ou Porta do Vau), a de Arga do Coura, a de Stº António e a do Açougue



Prazeres do Caminho
(veja a observação na “Introdução”)

Arroz de Lampréia

Lampréia (peixe típico da região), arroz, cebola, alho, azeite, salsinha, vinho tinto, chouriço de carne, sal marinho, pimenta do reino, cravo da Índia



Km 1,0 - Km Ac 31,0 - 3ª. Etapa – Caminha à Vila Nova de Cerveira - 16 kms

Etapa de baixa dificuldade nos primeiros 7 kms. e de dificuldade alta nos 9 kms. seguintes

Atravessando a ponte sobre o Rio Coura



Km 3,0 - Km Ac 33,0 -

Passando por Seixas



Km 4,0 - Km Ac 34,0 -

Seixas : Matriz de S. Bento (1.870)



Km 5,0 - Km Ac 35, 0 -

Trecho....



Km 6,0 - Km Ac 36, 0 -

Capela de Sto. Antônio



Km 7,0 - Km Ac 37,0 - Passando por Lanhelas - Matriz de S. Bento

A partir desse ponto, 9 kms. com subidas e descidas severas



Km 8,0 - Km Ac 38,0 -

Trecho em subida



Km 9,0 - Km Ac 39,0 -

Trecho em subida



Km 10,0 - Km Ac 40,0 - Passando por Gondarem – Igreja de S. Sebastião



Km 11,0 - Km Ac 41,0 - Solar de luxos antigos



Km 12,0 - Km Ac 42,0 -

Trecho...



**Km 15,0 - Km Ac 45,0 - Chegando à Vila Nova de Cerveira
Calçada romana preservada...**



Km 16,0 / Km Ac 46,00 - Fim da 3ª. Etapa



4ª. Etapa : Vila Nova de Cerveira à Valença - 15 kms.

Vila Nova de Cerveira é uma vila raiana portuguesa com cerca de 1 400 habitantes. A presença humana no território remonta à pré-história. Entre os vários elementos detectados, merece destaque o tesouro da sepultura da Quinta de Água Branca, cujo espólio está integrado no Museu Nacional de Arqueologia. A grande expansão demográfica que está na base do povoamento atual deu-se durante o Câmbio de Era com a multiplicação do número de castros, já sob uma forte influência da romanização. O melhor exemplo deste movimento pode ser encontrado no Aro Arqueológico de Lovelhe, cuja ocupação se estende desde o século I a.C. ao século VII d.C. No entanto, o concelho de Vila Nova de Cerveira só começaria a ganhar expressão territorial aquando do processo de reconquista, após as invasões árabes, o que viria a ser enfatizado pela autonomização do Condado Portucalense, em 1096. É neste período que o Rio Minho assume definitivamente o seu papel de fronteira, forçando ao estabelecimento de pontos fortificados que balizassem e defendessem o curso do rio. Surgia assim as Terras de Cerveira, cujo castelo, localizado no sítio onde hoje podemos encontrar a escultura do cervo do José Rodrigues, tinha por missão patrulhar e defender, fosse contra as investidas árabes, fosse contra as normandas. Em 1297, D. Dinis e D. Fernando IV de Castela assinavam o Tratado de Alcanizes, pondo fim aos confrontos que tinham ocorrido nos dois anos anteriores. Este tratado mais do que um acordo de paz, delineou a fronteira entre os dois reinos, que desde então conheceria alguma estabilidade geográfica e política. Esta assinatura faria com que fosse novamente necessário fortificar a fronteira do Minho. A partir deste momento iríamos assistir a um renovado esforço de repovoamento da região. Assim surgia a "Vila Nova" de Cerveira com a atribuição da Carta de Foral por D. Dinis, corria o ano de 1321, e a construção de um novo castelo, destinado a proteger a vila em desenvolvimento. O século XVII e as Guerras da Restauração marcariam a história deste concelho e seu património histórico, ao ser construída uma fortaleza que envolveu a vila, apoiada por dois outros pontos fortificados, a Atalaia do Alto do Lourido, e o Forte de Lovelhe, mandados edificar pelo Governador das Armas do Minho, pressionado pela necessidade de defesa da fronteira. Esse novo movimento de construção consistiu basicamente numa reformulação e alargamento da fortificação medieval, à qual foi aplicada uma plataforma voltada ao rio vocacionada para bater a vizinha fortaleza de Goian. O alargamento das muralhas envolveria o burgo, que desde sempre extravasara o perímetro do Castelo. A vila, assim circundada, consolidou seu edificado mediante os principais eixos viários, a Rua Queirós Ribeiro fechada pela Porta de Valença, a Rua César Maldonado e Costa Brava, com a Porta de Viana, a Travessa da Matriz com a Porta de Traz da Igreja e a Porta do Cais fechando a vila ao rio. O Forte de Lovelhe, especificamente construído e preparado para resistir às tentativas de união ibérica, acabaria por prestar outros relevantes serviços ao País, em especial nas Invasões Francesas. Se no decurso das Guerras da Restauração sua presença foi determinante na dissuasão das hostes filipinas, nessa última ação foi tanto mais importante, ao impedir as tropas francesas, sob o comando do Marechal Soult, de efetuarem a pretendida travessia do Rio Minho, no dia 13 de Fevereiro de 1809.

Apoio ao Turista (351) 800 296 296 - Bombeiros (351) 251 795 315

Hospedagem :	Hotel Minho Belo	Avenida da Liberdade nº 414	351 251 794 690	65€
	HI Vila Nova de Cerveira - Pousada de Juventude	Rua Alto das Veigas, EN13	351 251 709 933	49€

Equipamentos culturais : Igreja Matriz / Capela de São Sebastião / Capela de Nossa Senhora da Ajuda / Capela de Nossa Senhora da Encarnação / Convento de San Payo / Castelo / Forte de Lovelhe / Pelourinho de Vila Nova de Cerveira

Vila Nova de Cerveira



Km 3,2 Reboreda
Km 6,2 Outeirinho
Km 7,8 Chamosinhos
Km 10,0 Igreja
Km 13,3 Cristelo covo



Igreja Matriz de S. Cripriano, de origem quinhentista, encontra-se na rua principal da vila, sendo composta por três naves, duas torres sineiras, capela-mor e retábulo-mor, de estilo barroco, da autoria do mestre Veríssimo Barbosa. Atente no pormenor do sacrário, envolvido por anjos e ladeado por dois nichos quadrangulares com esculturas representando a Adoração dos Reis Magos e a cena do Juízo Final. A encimar esse conjunto, encontra-se um interessante trono suportando a Sagrada Eucaristia. Saiba ainda que o aspeto atual desse templo ficou a dever-se à reforma do século XVIII e à reedificação de 1881, devido aos graves estragos provocados por um temporal, em 1877.

Capela de N. Sra da Ajuda, construída no século XVII sobre a Porta da Vila. É um pequeno templo barroco com teto em caixotões pintados com imagens alusivas à Padroeira. As paredes são revestidas de azulejos tipo padrão, da fábrica de Coimbra, do século XVII.





O Convento Hotel San Payo, fundado nos fins do séc. XIV por religiosos provenientes da Galiza, pertencentes à Congregação dos Frades Menores de S. Francisco, foi o quarto Convento Franciscano a ser construído em Portugal. As asperezas do isolamento, os sucessivos saques e imposições políticas ao longo dos séculos, contribuíram para que o convento progressivamente caísse em ruínas e finalmente abandonado em meados do século XIX. Até que um dia o Escultor José Rodrigues o (re)encontra ...

Pelo cuidadoso restauro de que foi objeto, o Convento constitui um museu em si, por conservar e patentear um espécimen raro de arquitetura conventual e de franciscanismo observante. Habitado por uma das mais notáveis referências da arte portuguesa contemporânea, tornou-se uma espécie de museu - atelier. A coleção de esculturas, desenhos e pinturas, de propriedade do autor que o integra, num acervo de algumas centenas de peças, permite ao visitante conhecer melhor a obra de José Rodrigues.

O Convento San Payo promove visitas e oficinas de sensibilização à Arte e Natureza, que têm como ponto de partida as coleções e obras do Escultor José Rodrigues.

Pelourinho assente sobre um pedestal de três degraus e confuste liso e capitel pouco saliente rematado por um corpo troncocónico que ostenta um brasão de armas. Estrutura em cantaria de granito, composta por soco quadrangular de quatro degraus, onde se ergue, sem base, fuste de cantos biselados formando um octógono. Capitel cúbico com armas municipais e as de Portugal em escudos alternados e remate em cone facetado e embolado. Conserva ainda os quatro braços ou ferros de sujeição, com os extremos zoomórficos estilizados.



o Castelo de Vila Nova de Cerveira, sentinela da linde norte, delimitada pelo curso do rio Minho, ergue-se na sua margem esquerda, fronteiro à Espanha, cobrindo a linha defensiva do Alto Minho, no trecho compreendido entre a foz do rio, na altura de Caminha, e a vila de Melgaço. Não há consenso entre os estudiosos acerca da primitiva ocupação humana de seu sítio, ponto de travessia do rio para mercadores e peregrinos, e fronteira natural com o reino de Leão. A informação mais antiga sobre sua defesa encontra-se na Carta de Foral confirmada por D. Sancho II (1223-48) à vila de Elvas (1229), onde, entre os nomes dos nobres que a subscrevem, se encontra o de Pedro Novaes, alcaide do Castelo de Cerveira (Domnus Petrus Novaes tenens castellum). Acredita-se que o castelo seconstituísse, à época, apenas em uma torre defensiva. Ao tempo do rei D. Afonso III (1248-79), as Inquirições de 1258 informam que os moradores de Cerveira e das freguesias vizinhas estavam sujeitos à anúduva, tributo feudal que consistia, em caso de necessidade de reparos em algum castelo, no fornecimento de materiais de construção e prestações de trabalho pela comunidade. Seu sucessor, D. Dinis (1279-1325), visando alargar o povoamento da região, tentou atrair casais para Cerveira (1317), outorgando-lhe Carta de Foral que a transformava em vila (Vila Nova de Cerveira) com as regalias anteriormente concedidas a Caminha,



o que é documentalmente ratificado quando Rui de Pina (Crónica d'El Rei D. Diniz) inclui a Vila Nova de Cerveira entre as localidades que este monarca povoou de novo e fez castelos. Quando da eclosão da Crise de 1383-1385, o alcaide do Castelo e a povoação mantiveram-se leais a Castela. Na Primavera de 1385, tendo o Condestável Nuno Álvares Pereira, após conquistar o Castelo de Neiva, encetado peregrinação a Santiago de Compostela à frente de seus homens, o que os conduziu adiante de Vila Nova de Cerveira, os homens-bons da vila, receosos de um ataque mandaram-lhe um pedido para que o não fizesse, pois eles portugueses eram, e queriam ser servidores del-Rei e do Reino. Desse modo, o Condestável obteve-lhe a submissão e a das demais terras da região ao rei D. João I (1385-1433) . D. Afonso V (1438-1481) recompensou os feitos de D. Leonel de Lima, nas campanhas do Norte d'África, atribuindo-lhe o título de 1º visconde de Vila Nova de Cerveira (1476) e a posse da vila. Este senhor procedeu-lhe reforços nas defesas. Sob o reinado de D. Manuel I (1495-1521), a povoação e seu castelo encontram-se figurados por Duarte de Armas (Livro das Fortalezas, c. 1509). Durante a Guerra da Restauração da independência portuguesa, a povoação resistiu vitoriosa, sob o comando de Manuel de Souza Abreu, ao assédio das tropas espanholas (1643), feito que repetiu mais tarde, no contexto da Guerra Peninsular, quando impediu a travessia, naquele trecho do rio, às tropas napoleônicas sob o comando do general Soult (1809), forçando-as ao seu contorno.

O **Forte de São Francisco de Lovelhe**, também denominado Forte de Azevedo ou simplesmente Forte de Lovelhe, localiza-se na Freguesia de Lovelhe, Concelho de Vila Nova de Cerveira. Sua construção data dos inícios da Guerra da Restauração, tendo sido integrado na linha defensiva do Minho. Iniciadas em 1642, as obras de edificação foram dirigidas pelo Mestre-de-Campo General D. Francisco de Azevedo e Ataíde. Estrategicamente posicionado a muito curta distância do rio, num ponto onde este poderia ser passado a vau, contava com um número variável de peças de artilharia e comunicava-se visualmente com a Atalaia de Lovelhe, cruzando fogos de artilharia com ela e também com o vizinho Castelo de Vila Nova de Cerveira. Após algumas décadas desactivado, o forte seria artilhado pela segunda vez na sua história em 1704, no contexto da intervenção portuguesa na Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714), sem que se tivessem registado quaisquer ações militares de vulto.



No ano de 1797 o Marechal-de-Campo D. Rodrigo de Lencastre mandou reconstruir o forte, que estaria virtualmente devoluto desde 1792. O forte viria a ter a sua única acção militar de grande envergadura no ano de 1809, durante a Segunda Invasão Francesa. Do lado espanhol da fronteira, o exército napoleónico do general Soult já havia tentado atravessar o rio Minho junto a Caminha. A 13 de Fevereiro, após se concentrarem diante de Cerveira, algumas forças francesas cruzam o rio a vau. Estando ausente o governador do forte, teria sido sua esposa, D. Ana do Nascimento Ferreira de Magalhães, vulgo "a Resina", que deu ordem de fogo ao canhão. Com tanta felicidade o fez que a primeira bala foi estilhaçar-se no solar onde se encontrava Franceschi, comandante da Infantaria Ligeira napoleónica. De seguida, fez-se pontaria a umas barcas que os franceses dirigiam rio abaixo para usar na travessia. O fogo certo do canhão de Lovelhe logrou pôr ao fundo duas ou três tendo o povo em armas, incitado pela mesma senhora, acorrido à margem para repelir os naufragados franceses. Atualmente, a Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho está a desenvolver, em colaboração com os municípios espanhóis vizinhos, o chamado Plano Director das Fortalezas Transfronteiriças do Vale do Minho, com vista a uma melhor valorização e divulgação do património histórico militar que compõe o sistema defensivo da fronteira, no qual se insere o Forte de Lovelhe.

Prazeres do Caminho

Brusqueta de Presunto Pata Negra, com mel.

(Veja a observação na “Introdução”)

O Presunto Pata Negra, considerado como uma das melhores carnes do mundo, é feito com carne do Porco Pata Negra (Porco Alentejano), criado solto em algumas áreas de Portugal e Espanha, alimentado com “bollotas”, que são frutos da azinheira, daí seu odor mais intenso e firme.

Presunto Pata Negra, azeite, vinagre balsâmico, mel, nozes, alho, alface, tomate, massa de brusqueta.



Km 1,0 - Km Ac 47,0 4ª. Etapa - Vila Nova de Cerveira à Valença - 15 kms.

Etapa de dificuldade baixa, em trilhas planas

Capela de S. Sebastião

barroca de planta longitudinal e corpo único, de linhas simples com retábulo-mor barroco, de três panos, em talha dourada.



Km 2,0 - Km Ac 48,0 - Passando por Reboreda - Matriz em estilo românico



Km 4,0 - Km Ac 50,0 -

Capela - Construção de 1.725



Km 5,0 - Km Ac 51,0 -

Passando por Outeirinho



Km 7,0 - Km Ac 53,0 -

Passando por Chamosinho



Km 8,0 - Km Ac 54,0 -

Ribeira dos Insuar - Ponte romana



Km 9,0 - Km Ac 55,0 -

S. Pedro da Torre - Igreja Matriz



Km 10,0 - Km Ac 56,0 -

Ponte romana



Km 12,0 - Km Ac 58,0 -

Covo Cristiello - Igreja Matriz



Km 15,0 / Km Ac 61,00 - Fim da 4ª. Etapa - Fim do Caminho em terras portuguesas





Agradecimento todo especial pela companhia, nessa Jornada, do amigo lisboeta Aurélio Simões, conhecedor de todos os Caminhos, sempre atento à sinalização, aos detalhes, à ambiência das trilhas. E à companhia de sua esposa, Rita, conhecedora da história, do simbolismo e das origens dos monumentos, Igrejas, Capelas, Oratórios do Caminho...

amsimoes@gmail.com



Mesmo que já tenhas feito
uma longa caminhada,
sempre haverá
mais um caminho
a percorrer.

Santo Agostinho

A seguir
2ª. Parte - Espanha

Dados históricos e culturais :
“Wikipedia”
e pesquisa no local

Música : J. S. Bach
Tocata e Fuga em Re menor

Fotos, composição e formatação :

Márcio Dayrell Batitucci
mdayrellb@gmail.com

“ *Caminhante de Ofício* “

55 31 3344:9638

Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
(algumas fotos da Internet)

